

INFANTE D. HENRIQUE
guião #4

	VÍDEO	TEXTO
1	ABERTURA VIVO GUINCHO / SURF	DEFENSOR: Eu penso que há um momento fundamental na história de Portugal que nos define a todos como portugueses. É a epopeia dos Descobrimentos. Esse momento tem uma figura, tem um rosto: o Infante D. Henrique. Se quisermos, tudo o que somos hoje, devemos-lo a ele. Podemos também dizer mais uma coisa. Se hoje há duzentos milhões de pessoas no mundo inteiro a falar português, também o devemos a ele. Se quisermos ainda, se hoje o mundo é como o conhecemos, foi com ele que começámos a conhecê-lo. A globalização começou com o Infante D. Henrique
2	GENÉRICO	
3	VIVO	DEFENSOR: Hoje podemos ir para qualquer lado, a qualquer hora. Num instante – pelo menos pelos padrões do tempo do Infante, quando ir de Lisboa ao Porto levava dias e de Lagos a meio da costa ocidental africana podia levar meses – hoje, num instante estamos na América, África, Ásia, Austrália ou em qualquer país da Europa. Mas houve um tempo em que isso era impossível. Impossível porque o mundo conhecido era cerca de 1/3 do actual mas sobretudo porque faltava coragem e ânimo para o descobrir. Há cerca de 500 anos, num remoto canto da Europa, num país com fronteiras definidas desde o século XIII, acabado de sair de uma grave crise dinástica e de uma guerra de vida ou morte com os vizinhos espanhóis, um homem sozinho impôs a sua vontade, a sua teimosia e utilizou todos os seus recursos para descobrir as terras, gentes e produtos que podiam existir em África e no Atlântico.
4A	VIVO PADRÃO DESCOBRIMENTOS	DEFENSOR: Há tanta coisa que eu não sei sobre a história da humanidade. Não sei quando foi inventada a roda. Não sei quando é que o Homem pela primeira vez montou num cavalo. Não sei

		<p>quando foi esculpido o primeiro barco. Não sei quando a humanidade se pôs a navegar. Há tantos momentos fundamentais que eu não sei quando aconteceram. Durante milhões de anos o mundo foi uma casa com os quartos fechados. Os incas não sabiam nada dos pigmeus. Os árabes não sabiam nada dos aborígenes. Os Japoneses não sabiam absolutamente nada dos Lapões. E os Aztecas não sabiam nada dos Portugueses. Durante milhões de anos o mundo foi uma casa com os quartos fechados. Eu sei exactamente em que momento é que o mundo abriu as portas. Eu sei quando é que o mundo começou a avançar a pular para a frente.</p>
4B	<p>VIVO</p> <p>MUSEU NACIONAL ARTE ANTIGA - JARDIM</p>	<p>DEFENSOR:</p> <p>Isto não estava no programa. Foi um pedido de improvisação meu. Aliás o Paulo, operador de som está ali a olhar para mim preocupadíssimo, a pensar mas isto é um documentário para os grandes portugueses ou é o festival da canção? Calma, é um documentário. Eu pedi para inserir este momento musical, não pela música, mas pelas palavras. O poeta que está por detrás deste poema, António Gedeão, escreve neste momento: “Eles nem sabem nem sonham que o sonho comanda a vida e sempre que um homem sonha o mundo pula e avança, como bola colorida nas mãos de uma criança. É a pedra filosofal. Eu desde miúdo quando ouço esta parte da canção, do poema, penso no Infante se calhar com toda a razão se calhar não. É uma ideia minha. Mas a verdade é que quando o Infante sonhou, foi a partir daí que o mundo começou a pular e a avançar. O mundo com o Infante pôs-se em movimento.</p>
5A	<p>VIVO</p> <p>GAIA – CAIS COM VISTA PARA O PORTO</p>	<p>DEFENSOR:</p> <p>O Infante D. Henrique vem nascer ao Porto. Porque é que eu digo “vem nascer ao...”</p> <ul style="list-style-type: none"> - O que é que estão a gravar? Os “Morangos com Açúcar”? - Os “Morangos ...”? Não. Olha, estamos a gravar o Super-Homem, - O Super-Homem? - Mas é o Super-Homem português. Bom, porque é que eu digo “vem nascer ao Porto”. Porque a corte nesse momento encontra-se em Leiria, mas já perto do final da gravidez de D. Filipa de Lencastre mudam-se para o Porto. A corte vem para o Porto, uma viagem de 20 dias, um sacrifício brutal para uma mulher com 8 meses de gravidez, mas o Infante, de facto, nasce no Porto. Uma coincidência histórica ou terá sido destino? Eu acho que foi destino. O Porto, Património da Humanidade, merece ter como filho mais ilustre o Infante D. Henrique.
5B	OFF	DEFENSOR:

		<p>O Infante nasce em 1394, numa altura em que Portugal vive numa paz precária com o seu vizinho maldito... Castela! As escaramuças e ameaças de guerra eram uma constante. E é neste clima de guerra que o Infante é educado e vive toda a sua infância. E como foi a sua infância? Não havia jardins-escolas, televisão, portanto supomos que ele teve uma educação tradicional, ou seja, aprendeu letras, aprendeu a caçar, a lutar... enfim, fez o que faziam todos os nobres do seu tempo: preparou-se para ser um oficial e um cavalheiro!</p>
5C	VIVO PORTO – CASA DO INFANTE	<p>DEFENSOR: O Infante nasceu aqui, nasceu nesta casa em 4 de Março de 1394. Na altura e durante muitos séculos este edifício chamava-se Casa da Alfândega. Hoje já não se chama assim. A cidade do Porto, muito justamente, quis homenagear o seu filho mais ilustre e transformou este espaço num museu “Museu Casa do Infante”. Eu acho que há outra coisa que o Porto pode fazer, hoje, para homenagear o seu filho mais ilustre. Pode votar em peso no Infante como o Maior Português de sempre.</p>
6	Imagens de arquivo	<p>DEFENSOR: O Infante veio à luz do dia quando Portugal estava ainda em guerra com Castela, na sequência da crise de 1383-1385, dois anos fundamentais para o destino do país e dos portugueses.</p> <p>E que crise foi esta? Em jeito de novela, a história conta-se rapidamente:</p>
7	Imagens de arquivo + animação de genérico de novela com título “CRISE DE 1383-1385” – episódio 1	<p>DEFENSOR: Em 1383, o rei D. Fernando estava a morrer. Do seu casamento com a rainha Leonor Teles havia apenas uma filha – D. Beatriz. Era essencial para o futuro do reino casá-la. Mas com quem?</p> <p>Depois de muita discussão, o eleito foi o rei D. João I de Castela e o casamento lá se realizou em Maio de 1383. Mas tudo começou a correr mal quando se soube que o filho varão que resultasse deste casamento herdaria o trono de Portugal caso o nosso rei D. Fernando, já moribundo, morresse sem herdeiros... e foi isso mesmo que veio a acontecer. D. Fernando morreu sem um filho homem para lhe suceder. Estava aberto o caminho para a União entre as coroas de Portugal e Castela, ou seja, era o fim de Portugal como reino independente.</p> <p>E foi a partir deste momento que a crise começou... oficialmente. Surge em cena D. João, Mestre de Aviz, filho bastardo do rei D. Pedro I – que entra em Lisboa e sem</p>

		mais nem menos assassina o Conde Andeiro, amante e aliado político da rainha D. Leonor. E assim termina o 1º episódio desta novela!
8	Imagens de arquivo + animação de genérico de novela com título “CRISE DE 1383-1385” – episódio 2	DEFENSOR: O 2º episódio é muito desta crise começa com as Cortes de Coimbra, em Abril de 1385, e a aclamação do Mestre de Aviz como rei D. João I e termina com a vitória esmagadora dos portugueses sobre os castelhanos na mais célebre batalha de Portugal: Aljubarrota!.
9A	VIVO MNAA – Exterior Jardim/Entrada	DEFENSOR: Com a batalha de Aljubarrota, o novo rei, D. João I e uma nova dinastia, a dinastia de Avis, tomam conta dos destinos de Portugal. Os ingleses tiveram uma importância fundamental nesta batalha . E para consolidar a nova aliança, uma princesa inglesa, D. Filipa de Lencastre, casa com D. João I. Ela ficou contente. Disseram-lhe que vinha morar para um país com um clima ótimo, agradável. Se chegasse a Lisboa num dia como hoje mandava o navio dar meia volta e regressar a Inglaterra. Bom, deste casamento nasce a ínclita geração.
9B	VIVO MNAA - ENTRADA	E o que é a ínclita geração? Bom, é uma expressão utilizada pelo poeta Luís de Camões, um dos maiores portugueses de sempre, mas não o maior, para designar os filhos que saíram do casamento de D. João I e Filipa de Lencastre. E nós podemos ver os retratos desses irmãos. Aonde? Aqui, no Museu Nacional de Arte Antiga.
9C	VIVO MNAA – PAINÉIS S. VICENTE	Estou junto aos painéis de S. Vicente, uma das obras primas da pintura europeia, talvez o momento mais famoso da pintura portuguesa. Há uma coisa que sempre me impressionou muito nesta obra que retrata a sociedade portuguesa do século XV. A atitude solene, a imobilidade intemporal das personalidades aqui retratadas faz-me pensar que eles sabiam que iam ficar imortalizados com esta obra sim, mas também me parece que eles sabiam que, no meio deles, um deles seria talvez um dia considerado o maior português de sempre
9D	VIVO MNAA – Painéis S. Vicente	Para alguns investigadores este é que é o verdadeiro infante, pela idade que aparenta ter, pela maneira como está vestido e porque trás ao peito a cruz de Cristo. O Infante era o Grão Mestre da ordem de Cristo. Em conversa com alguns responsáveis do museu fiquei a saber que há pelo menos 30 teorias diferentes a tentar explicar a identidade das personagens, a data de execução do retábulo e a sua autoria. São muitos enigmas, muitos mistérios.
9E	OFF	DEFENSOR:

		<p>Não vale a pena discutir, aqui, se este rosto é ou não o do Infante. O que é importante é que no nosso imaginário, para todos os portugueses, esta figura magistralmente pintada será sempre o Infante D. Henrique.</p>
9F	<p>VIVO</p> <p>MNAA – Painéis S. Vicente</p>	<p>Quem sabe se daqui não saía um grande best-seller mundial. Título “O Código do Infante”. E a capa do livro como seria?</p> <p>...</p>
10	<p>Imagens de arquivo</p>	<p>DEFENSOR:</p> <p>ANULADO (alterado para o ponto: 5B)</p>
11	<p>VIVO</p> <p>FIGUEIRA DA FOZ EXTERIOR - BICICLETA</p>	<p>DEFENSOR:</p> <p>A paz com Castela assina-se, por fim, em 1411. D. João I pensa imediatamente em comemorar isto tudo com um torneio que, reuniria cavaleiros de toda a Europa. Era habitual na época, mas, os filhos, D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique não estão muito entusiasmados com a ideia. – Ò pai, nós gostaríamos de fazer algo diferente! O quê?! Bom, os infantes sugerem a conquista de Ceuta. Hoje em dia parece-nos estranho comemorar o fim de uma guerra com o início doutra, mas na altura a ideia de... cruzar guerra aos infiéis, enfim, era quase uma questão moral, portanto a ideia vai para a frente, decide-se conquistar Ceuta.</p>
12		<p>DEFENSOR:</p> <p>E foi neste momento que, de forma inesperada, toda a vida do Infante D. Henrique mudou... e com ele, mudou também a vida de todos nós, portugueses... até ao dia de hoje!</p>
13	<p>Imagens de arquivo</p>	<p>DEFENSOR:</p> <p>Ceuta era um bastião muçulmano e um dos mais importantes e ricos centros comerciais do Norte de África. Ali afluíam produtos e gentes vindas de sítios tão distantes como o Egipto, Síria, Turquia ou Sudão. E era, também, um porto de abrigo estratégico de piratas que frequentemente faziam incursões na costa portuguesa e atacavam as embarcações portuguesas. E, pelos valores do século XV, Ceuta era o sítio ideal para uma cruzada cristã contra os infiéis, contra os mouros!</p>
14	<p>VIVO</p> <p>PORTO – COZINHA DE RESTAURANTE + MESA DE RESTAURANTE</p>	<p>DEFENSOR:</p> <p>Decide-se então pela conquista de Ceuta. Os 3 irmãos dividem tarefas e D. Henrique, entre outras coisas, ocupa-se da alimentação da Armada. Aonde? Aqui, no Porto. Fazia todo o sentido, afinal ele era tripeiro. Era, mas ainda não sabia porque o termo ainda não tinha sido inventado. Num acto de generosidade impressionante a população do Porto oferece a</p>

		carne disponível na cidade para a Armada e fica com a pior parte, as tripas. Nasce assim esse exemplo impressionante de criatividade portuguesa na cozinha, esse grande monumento ao paladar nacional, que são as tripas à moda do Porto
15	VIVO LAGOS - RUA	DEFENSOR: A expedição demorou três anos até ficar pronta. O Infante manteve tudo em rigoroso segredo. Hoje não era possível. Imaginem um Príncipe tentar manter segredo do que quer que seja. Com a praga dos paparazzi... Os tablóides no dia seguinte: Infante prepara Armada com duzentas embarcações e vinte mil homens. A verdade é que tudo se manteve em segredo. Alguns reinos sabiam que alguma coisa se estava a passar. Granada, Castela, Aragão... Mas a verdade é que a Armada saiu do Porto e de Lisboa e chegou a Lagos sem se saber para onde é que ia.
16		DEFENSOR: A 7 de Agosto de 1415, a frota, comandada pelo rei D. João I e onde seguiam também o célebre Nuno Álvares Pereira, agora já mais velhote, e os três infantes, parte para Ceuta, onde chegam no dia 20. A surpresa dos mouros é total mas a sua reacção é rápida. Os navios portugueses são recebidos a tiro. Na madrugada de 21 de Agosto, o Infante D. Henrique comanda a primeira vaga de assalto na praia. Apesar de poucos, os homens do Infante acompanham-no com determinação. O Infante inspira-os. Lutando ferozmente na praia, os portugueses empurram os mouros para a Porta da Almina e forçam o caminho para a cidade. Depois de um dia inteiro de encarniçados combates, Ceuta caiu em poder dos portugueses. O rei D. João I celebrou a vitória na grande mesquita da cidade, de imediato transformada em igreja cristã e ali mesmo armou cavaleiros, pela sua bravura, os seus filhos: D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique.
17		DEFENSOR: Enquanto percorria as ruas da cidade, o Infante tomou contacto directo com as ofuscantes riquezas que África podia fornecer. Ali estavam cargas que caravanas tinham trazido do interior de África e do Oriente: pimenta, canela, gengibre, seda, ouro, pedras preciosas, entre muitos e muitos produtos. Antes de partirem de Ceuta, as principais figuras da

		<p>expedição reúnem-se para decidir o que fazer de Ceuta. Hesita-se entre abandonar ou manter a cidade ocupada com uma força militar. Depois de alguma discussão, opta-se por deixar uma guarnição de cerca de 2000 homens de armas capitaneada pelo conde D. Pedro de Meneses e a 2 de Setembro a armada está de volta a águas portuguesas e ancorada em Tavira.</p> <p>Nesta cidade algarvia, D. João I nomeia solenemente duques os seus filhos D. Pedro, Duque de Coimbra, e D. Henrique, Duque de Viseu.</p>
18		<p>DEFENSOR: O entusiasmo do Infante D. Henrique pela expedição a Ceuta valeu-lhe, para além de ter sido armado cavaleiro e ter sido feito duque, o cargo de defensor de Ceuta. Era ele que tinha a responsabilidade de manter Ceuta sob o domínio português.</p> <p>O Infante tinha, agora, pouco mais de 21 anos.</p>
19		<p>DEFENSOR: Ceuta revelou-se um fiasco para os portugueses. O que antes fora uma cidade que fervilhava com o riquíssimo comércio trazido por caravanas de todas as partes de África, era agora uma cidade cristã e quase deserta que não dava lucros. As caravanas já não vinham à cidade.</p> <p>Foi neste cenário de decadência, de uma cidade que se tornara uma cidade morta, que o Infante mostrou o rasgo do seu génio. Qualquer outro teria ou desistido ou simplesmente limitado a gerir a decadência da cidade. Mas não o Infante D. Henrique. Ele fez de Ceuta um pretexto para iniciar uma moderna empresa de exploração.</p>
20	VIVO LAGOS - RUA	<p>DEFENSOR: Ouro, seda, especiarias, animais exóticos. Os portugueses não conquistaram apenas uma cidade. Conquistaram o ponto de chegada de todos os produtos do Oriente. Acho que até uma loja chinesa lá encontraram... Bom, o Infante começa a fazer contas. Quantos intermediários são necessários para fazer chegar isto aqui? Será que eu consigo contornar tudo isto e chegar à fonte? Deixa Lisboa e vem viver para Lagos e aqui passa os últimos quarenta anos da sua vida.</p>
21A		<p>DEFENSOR: O mar é para o Infante D. Henrique cada vez mais um meio cheio de potencialidades económicas e ele aproveita todos os pretextos para aumentar os seus rendimentos. Os navios que vão a Ceuta, por sua ordem, aproveitam a viagem para</p>

		fazer pesca, pirataria e comércio. Ao contrário do que acontece hoje, a pirataria era uma actividade normal para a época.
21B	VIVO LAGOS - RUA	Uma vez instalado em Lagos, o Infante começa a explorar lentamente o litoral africano. Descobre, ou redescobre, também a Madeira e os Açores. Eu digo redescobre porque estas ilhas estavam, entre aspas, esquecidas desde a Antiguidade. E é neste momento que o Infante dá o primeiro grande contributo da sua vida para a história de Portugal e para a história da Humanidade. Aproveitando o saber dos pescadores algarvios, ele começa lentamente a transformar a arte de navegar na ciência de navegar.
22		DEFENSOR: A Madeira estava coberta de grandes florestas – daí o nome de Madeira – e tudo leva a crer que era visitada a partir do século XIV. Foi, agora, redescoberta na Primavera de 1419 mas só no ano de 1425 começa o seu povoamento e colonização, sob a direcção de João Gonçalves Zarco, escudeiro do Infante D. Henrique. Mais para ocidente, o arquipélago dos Açores (nome de uma espécie de aves de rapina) foi redescoberto por volta de 1427 por Diogo de Silves, que era também um homem da casa do Infante. Ceuta, Madeira e Açores. Tudo locais directamente relacionados com a vida do Infante D. Henrique. Mas não lhe bastavam. Ele queria mais e queria, sobretudo, saber o que poderia encontrar por essa África abaixo. Durante cerca de 15 anos, os navegadores enviados pelo Infante não avançam além do Cabo Bojador. Porquê?
23		DEFENSOR: Até 1400, o Atlântico era um oceano virgem de navegação. Era um autêntico deserto de água. Ninguém ousava ultrapassá-lo. O Atlântico era a grande barreira que faltava ultrapassar para que toda a circulação de seres humanos pelo planeta se fizesse. Hoje em dia, na era da televisão, da internet, em que todos já vimos quase tudo do mundo e do Universo mesmo sem termos ido a todos os sítios, é difícil imaginar a verdadeira barreira psicológica que representava o Atlântico e o Cabo Bojador para os homens do século XV. Mas podemos fazer um esforço e imaginar. Naquela altura havia uma certeza: era impossível navegar

		para lá do Cabo Bojador. Tinha-se como uma certeza absoluta que as águas eram demasiado quentes, o calor seria insuportável, que havia todo o tipo de monstros... homens com cabeça de cão, homens com um só pé, gigantes terríveis.... e a prova que era impossível navegar até lá era que nunca ninguém tinha de lá voltado. Todos os aventureiros que o teriam tentado nunca tinham de lá voltado... por outras palavras, quem lá fosse, morria. Com toda a certeza.
24A		DEFENSOR: Quando olhamos para um mapa moderno de África é difícil, à primeira vista, encontrar o Cabo Bojador. É preciso uma lupa e muita concentração para o encontrar na costa ocidental, logo a seguir às ilhas Canárias. É uma minúscula bossa num continente imenso, quase imperceptível no mapa.
24B	VIVO MARINA	De qualquer das formas, o Cabo Bojador era um acidente geográfico como tantos outros ao longo da costa africana. Ali, o problema não era a barreira física. Era a barreira psicológica. Ali, era necessário vencer o medo.
25	VIVO LAGOS / CARAVELA	DEFENSOR: O Infante D. Henrique não era homem para desistir às primeiras dificuldades. Ele sabia que se queria vencer o obstáculo físico que era o Bojador tinha primeiro que vencer o obstáculo psicológico que impedia os seus homens de avançar. Tinha que convencer os seus homens. Tinha que vencer a barreira do medo.
26A	VIVO MARINA	Não se vê nada. É preciso pagar, como sempre. Bom, em 1422 o Infante manda a primeira expedição ao Cabo Bojador. E é um fracasso. Este homem devia Ter um certo sentido de humor e muita persistência porque, ao longo de doze anos, enviou doze expedições e falhavam todas. AS décima terceira foi a expedição que conseguiu. E ainda dizem que o treze dá azar..
	VIVO LAGOS – ESTÁTUA GIL EANES	Boa noite. Desculpe, o senhor dá-me uma informação? É daqui? Como é que se chamam os habitantes de Lagos? Laguenses? Laguanos? X – Não, é lacobrigenses. GC – Lacobrigenses? Lacobrigenses. Ok, olhe obrigado. Eu vou só explicar brevemente, isto é para a RTP, o programa Os Grandes Portugueses, se fosse o Carlos Malato já passava à segunda fase. Quer dizer olá à sua família? Aproveite, é de graça, porque eu lá em cima tinha de pagar para espreitar no monóculo. Diga qualquer coisa. X – Então aproveite e mando um beijinho para a minha mulher e para os meus filhos. GC –

		<p>Ok, muito obrigado. Boa noite. X – De nada. Boa noite. GC – Vote no Infante D. Henrique. Não se esqueça.</p> <p>Bojador. Não podemos falar do Cabo sem falar do marinheiro que o venceu. Gil Eanes, lacobrigense. Gil Eanes era escudeiro do Infante e era provavelmente o seu melhor marinheiro. Ousado, corajoso, obediente. Tinha todas as qualidades para vencer o Cabo. Tinha apenas um defeito físico: tinha calos nos joelhos</p>
26		<p>DEFENSOR: Em 1433, Gil Eanes, um algarvio natural de Lagos, escudeiro do Infante, recebe ordens para tentar ultrapassar o tão temível cabo. Reunida a tripulação, parte de Lagos, numa barca, em direcção a sul. A expectativa de D. Henrique é – como sempre – grande. Seria desta vez? Seria o Cabo Bojador ultrapassado?</p> <p>Mas, mais uma vez, a expedição fracassa. Gil Eanes não vai além das Canárias, onde aproveita para capturar escravos – como era habitual na época – o que lhe daria para cobrir as despesas da viagem e sobretudo atenuar o seu fracasso perante o Infante.</p>
27		<p>DEFENSOR: Quando Gil Eanes regressou a Lagos – de mãos a abanar, como se diria hoje em dia - terá argumentado perante o Infante qualquer coisa como: “é impossível ultrapassar o Bojador! Nós tentámos, mas é impossível!”.</p> <p>Mas o Infante não se convenceu. Apesar dos resultados serem sempre desanimadores, apesar dos seus homens teimarem em dizer que era impossível ir além do Bojador, apesar das despesas de todas essas viagens... apesar de tudo indicar que não valia a pena continuar a tentar, o Infante tentou mais uma vez.</p>
28		<p>DEFENSOR E novamente o comando da expedição recaiu sobre Gil Eanes. Talvez porque o Infante soubesse que ele era mais ousado ou corajoso do que outros. Seja como fôr, o certo é que em 1434, Gil Eanes está de novo ao comando de uma barca, numa rota em direcção ao Bojador.</p> <p>Para além da barreira psicológica, o mais complicado no cabo era o facto de estar rodeado de recifes e quase sempre envolto em nevoeiro. Ali sopra um vento alísio de nordeste durante todo o ano o que levava os marinheiros a pensarem que quem dobrasse o cabo jamais poderia regressar para norte, para casa!</p>

		<p>Ao aproximar-se do cabo, Gil Eanes navegou em direcção ao ocidente preferindo arriscar-se no oceano desconhecido do que nos perigos junto à costa. Quando novamente decidiu virar para sul verificou, com grande espanto, que o cabo estava atrás de si. O temível Cabo Bojador tinha sido ultrapassado. Era a décima terceira tentativa.</p> <p>Para lá do Bojador, Gil Eanes encontrou uma paisagem desoladora. Mas não era de forma alguma, o Inferno que era suposto ser. A barreira do medo tinha sido derrubada. Pela destreza de Gil Eanes, certamente.... mas acima de tudo pela vontade e persistência do Infante.</p>
29A	VIVO PRANCHA DE SURF	A passagem do Cabo Bojador foi um feito extraordinário. Em termos técnicos não foi uma grande proeza. Mas em termos psicológicos, vencemos o medo, começámos os Descobrimientos.
29B		<p>DEFENSOR: A sociedade global em que vivemos hoje se tem uma remota origem e indiscutível é a passagem do Cabo Bojador. O Infante D. Henrique tem esta característica extraordinária: não foi um navegador, não andou nas embarcações de um lado para o outro, mas foi capaz de teimar durante 12 anos numa ideia que parecia estranha a todos, em meados do século XV. E parecia estranha porque era uma ideia nova, porque era uma ideia que não resultava de nenhum processo em curso: mais ninguém estava a tentar avançar em direcção ao Atlântico para sul, para águas que era suposto não serem navegáveis. Mais ninguém... a não ser o Infante.</p>
30A		<p>DEFENSOR: O Infante D. Henrique teve a capacidade de convencer os seus navegadores a irem para águas, até então, tidas como mortíferas. Navegar para lá do Bojador era uma novidade. Esta capacidade de influenciar os homens do seu tempo a fazerem coisas novas, é extraordinária. E é a marca dos grandes homens.</p>
30B	VIVO MARINA	Afinal havia vida depois do cabo. A água do mar não fervia. O ar era respirável. A terra não estava demasiado quente. Não havia monstros, nem gigantes, nem homens com duas cabeças. Afinal era possível ir e voltar.
31		<p>DEFENSOR: A partir da passagem do Bojador a maneira como o mundo era concebido até então começa a ser posta em causa. As concepções geográficas medievais tinham, agora, um pretexto para serem revistas e corrigidas.</p>

		<p>Navegadores de toda a Europa sabiam, agora, que afinal podiam avançar e navegar em direcção a sul... mesmo para zonas, até então, tidas como impossíveis. Depois do Bojador as lendas sobre perigos fantásticos no mar começaram a cair por terra. Abriam-se as portas para uma nova visão do mundo.</p>
32A	VIVO CARAVELA	<p>DEFENSOR: O Cabo Bojador tinha sido finalmente ultrapassado. Mas porque é que era tão importante passar este Cabo? Porque é que o Infante queria com tanta força seguir para sul?</p>
32B		<p>DEFENSOR: Bem, podemos encontrar a resposta na Crónica de Guiné. Escrita na segunda metade do século XV, não se sabe bem o ano, por Gomes Eanes de Zurara, cronista da Coroa, a Crónica da Guiné narra a história das navegações efectuadas a mando do Infante D. Henrique em direcção ao sul, ao longo da costa de África. No capítulo VII, o cronista avança com os 5 motivos que levaram o Infante D. Henrique a passar o Bojador:</p> <ul style="list-style-type: none"> - vontade de conhecer as terras a sul do cabo; - desejo de saber se as gentes que aí viviam eram cristãs; - obter informações sobre o poderio muçulmano na zona; - desejo de encontrar um príncipe cristão poderoso que o ajudasse a combater a ameaça muçulmana; - e, por último, o desejo de espalhar a fé cristã; <p>Para além do seu desejo de conhecer o que estaria para lá do cabo Bojador, é hoje ponto assente que o Infante estava também à procura de um aliado na sua luta contra os muçulmanos que o ajudasse a abrir uma frente de combate a sul de Marrocos. Crê-se que teria esperança de encontrar o lendário Preste João, que se julgava na época ser o rei da Etiópia, senhor de um poderoso reino cristão que ia da costa do oceano Índico à costa atlântica.</p> <p>Havia, pois, no espírito do Infante uma vontade política e religiosa: espalhar a cristandade e combater os muçulmanos. Ele, liderando os portugueses, a partir do norte, das cidades marroquinas conquistadas e , a partir do sul, criando um efeito de tenaz, um príncipe cristão africano. Este era o seu sonho e foi, sem dúvida o seu plano. Mais tarde, este plano foi continuado pelos reis D. João II e D.</p>

		Manuel I. Também neste capítulo de estratégia político-militar, o Infante D. Henrique deixou uma herança para Portugal.
33A	VIVO	DEFENSOR: Ceuta era nossa. É verdade. Mas era um ponto isolado no universo muçulmano. O comércio já não afluía à cidade e ao redor imensas praças fortes que nos eram hostis constituíam uma ameaça estratégica. É daí que vem ao Infante a ideia de conquistar Tânger.
33B		Depois de muito insistir na ideia – com o ardor que punha em tudo o que fazia ou planeava – o Infante vê finalmente concretizadas as suas pretensões de conquistar a cidade marroquina de Tânger. Em 1436, o seu irmão, agora rei D. Duarte, mandou que se enviasse uma expedição militar àquela cidade africana e, mais uma vez, tal como já acontecera com a conquista de Ceuta, foi o Infante quem tomou a liderança do projecto com todo o seu entusiasmo.
33C	VIVO TOMAR (?)	Os irmãos decidem então tentar também a conquista de Tanger em 1437. D. Henrique e D. Fernando lideram a expedição que será um fracasso completo. Aliás um dos episódios mais tristes e humilhantes da história de Portugal. Os portugueses são encurralados, cercados durante 5 semanas, obrigados a comer os próprios cavalos e por fim têm que negociar a retirada com os mouros. Comprometem-se a devolver Ceuta. O Infante D. Fernando fica prisioneiro como garantia dessa devolução.
34		DEFENSOR: O desastre de Tânger causou grande consternação no reino e não faltaram vozes que recriminaram o Infante. Contudo, a derrota deveu-se sobretudo à esmagadora superioridade numérica do inimigo. Em Junho de 1438, D. Duarte e o Infante D. Henrique encontram-se na localidade alentejana de Portel. Trajando de luto, o Infante debateu a situação com o rei, seu irmão. Com a força de ele próprio se ter oferecido como refém, o Infante defende que a razão e os interesses do Estado deviam prevalecer sobre os laços de sangue. Por outras palavras, ainda que isso custasse a vida a D. Fernando, Ceuta não devia ser entregue! E, de facto, Ceuta não foi entregue e D. Fernando acabou por morrer na cidade marroquina de Fez, em 1443. Em sinal de desprezo, o seu corpo foi pendurado de cabeça para baixo na muralha

		da cidade.
35		<p>DEFENSOR: Amargurado por não poder lançar mais ataques às cidades mouras do Norte de África, o Infante voltou a concentrar todas as suas energias no prosseguimento das viagens para sul, pelo mar, ao longo da costa africana.</p> <p>Em 1435, um ano após a sua memorável viagem, Gil Eanes regressara ao mar e, depois de ultrapassar com facilidade o Bojador, chegara até Angra dos Ruivos onde, pela primeira vez, encontra vestígios de homens.</p> <p>O Infante ficara, assim, a saber sem sombra de dúvida que existiam populações numa zona do globo onde se pensara que tal era impossível. E isto constituiu um tremendo incentivo à continuação das viagens para sul.</p>
36		<p>DEFENSOR: Entre 1436, data em que se realiza a última viagem para sul antes da paragem provocada pelos acontecimentos de Tânger, e 1441, ano em que o Infante retoma as viagens de exploração da costa ocidental africana, algo mudou na forma como essa mesma exploração passou a ser feita.</p> <p>Foi necessário resolver problemas técnicos levantados pelas novas condições de navegação. Até então, as viagens realizavam-se em barcas, navios de várias dimensões, com um mastro e uma vela rectangular. A tripulação abrigava-se sob umas telas que eram colocadas da proa à popa.</p> <p>Em 1441 vamos encontrar um novo tipo de navio: a caravela latina que, até 1488, será o navio de ponta das viagens de exploração dos portugueses. A caravela era o melhor navio do seu tempo. Embarcação de várias versões, as suas duas velas latinas triangulares permitiam navegar à bolina, ou seja, progredir em zigue-zague contra a direcção dominante do vento.</p> <p>Com a caravela, os portugueses podiam ultrapassar o obstáculo formado pelos ventos alísios e torneá-los no seu regresso a Portugal. Esta manobra obrigava os marinheiros a navegarem no mar alto, longe da costa. Para que tal pudesse ser feito em segurança, era preciso que os navegadores pudessem contar com o auxílio de instrumentos de orientação. Vêmos, assim, surgir, por exemplo, o quadrante que servia para medir a altura da Estrela Polar e saber a latitude onde se encontrava o navio.</p>

		<p>Ou seja, entre 1436 e 1441, uma série de alterações e de avanços na técnica de navegar vieram possibilitar o aumento do raio de acção dos portugueses e das suas embarcações. E isto obriga-nos a falar, aqui, da tão famosa e polémica “Escola de Sagres”.</p>
37A	VIVO CARAVELA	<p>DEFENSOR: Bom, eu hoje, quando olho naquela direcção percebo Portimão. Portanto eu sei onde é que estou. Mas quando se está em mar alto não se vê nada de terra, portanto não conseguimos determinar a nossa posição olhando para terra. É preciso medir a latitude através dos astros. Para isso, precisamos de instrumentos e, na altura, para poder finalmente navegar no Atlântico, desenvolveram-se instrumentos de uma complexidade, de uma tecnologia espantosas. Eu vou-vos mostrar alguns. Por exemplo, este aqui, que parece um cabide. - Como é que isto se chama, ó Zé? – Uma balestilha. Vejam lá a complexidade deste. E o quadrante, que parece uma tábua de cortar queijo. Bom, a verdade é que nós com isto dobrámos o Cabo da Boa Esperança, chegámos à Índia e demos a volta ao mundo. E onde é que se desenvolveram estes instrumentos? Na Escola de Sagres.</p>
37B	VIVO SAGRES	<p>Promontório de Sagres, um lugar que ainda hoje nos parece Ter chegado ao fim do mundo. Eu estou em Sagres para falar da Escola de Sagres, aliás, da hipotética Escola de Sagres. Porque é indiscutível que o Infante viveu a maior parte da sua vida adulta em Lagos, no sudoeste algarvio, e também é indiscutível que foi a partir de Lagos que as caravelas começaram os Descobrimentos. – 00:07:00:00 - O que nunca existiu foi uma Escola de Sagres no sentido físico que nós hoje damos a uma escola, ou seja, cadeiras, mesas, um professor, alunos, o toque da campainha, o semestre que termina, o Gil Eanes que leva uma cábula para o exame ou o Bartolomeu Dias que tenta copiar o Vasco da Gama... Isso não, nunca existiu. Existiu sim escola no sentido que hoje podemos dar a um pintor ou a um quadro ou a um conjunto de obras que apareceram num determinado período ou numa determinada região e que por isso ficaram conhecidos como um estilo ou uma escola de pintura.</p>
37C	VIVO SAGRES	<p>É indiscutível que o Infante chamou a Lagos marinheiros, técnicos, astrónomos, cartógrafos e os pôs todos em comunicação. Como um maestro, como um director de orquestra que consegue pôr dezenas de instrumentos a tocar a mesma sinfonia ou, se quisermos usar uma palavra que hoje está muito na moda, criou um “brainstorming” náutico com toda esta gente. Os marinheiros saíam, recolhiam informação sobre ventos, rotas, sobre correntes. Regressavam e daqui, em</p>

		comunicação com toda a gente, nasceram instrumentos náuticos, inventaram-se caravelas, desenharam-se cartas... Só faltou mesmo foi criar uma prancha de surf..
37D	VIVO SAGRES	Escola de Sagres. Sim, Escola de Sagres, mas uma escola onde os professores eram alunos, os alunos eram professores e, parafraseando um historiador dos Descobrimentos, a sala de aulas era o próprio convés das caravelas. Mas, atenção, o Infante D. Henrique nunca deu aulas de matemática, como eu já ouvi dizer. Ele deu, isso sim, foi uma lição a todos nós. Uma grande lição
38	VIVO PRAIA	DEFENSOR: Entre os anos de 1436 e 1441 há uma pausa nas expedições do Infante. Porquê? Por um lado a questão de Tanger, por outro a morte de D. Duarte em Setembro de 1438.
39	VIVO PRAIA	DEFENSOR: Tudo começou com a leitura do testamento do falecido rei D. Duarte. Como sempre acontece nos testamentos, aliás esse é um dos temas preferidos das telenovelas, há quem goste e há quem se sinta prejudicado. Neste caso, a tutela do reino e do Príncipe herdeiro, D. Afonso, foi entregue à viúva, Rainha D. Leonor. D. Pedro não gostou. Começou então uma nova telenovela que facilmente se pode explicar em poucas palavras.
40	Imagens de arquivo + animação de genérico de novela com título "A CRISE DA REGÊNCIA" – episódio 1	DEFENSOR: Vamos por o caso em termos actuais: formam-se dois partidos: o da rainha D. Leonor e o do Infante D. Pedro. Estes dois partidos têm o seu primeiro confronto nas Cortes de Torres Novas, realizadas em 1438. E o Infante D. Henrique, que partido toma? Afeiçoado à cunhada, mas fiel ao irmão, o Infante toma uma posição de neutralidade e de moderação e tudo faz para negociar um acordo entre D. Pedro e D. Leonor. Formou-se, então, um governo de coligação – como hoje se diria – entre D. Pedro e D. Leonor. Mas, como quase sempre acontece aos governos de coligação neste país, tudo acabou em zanga, desordem e dissolução do governo ao fim de poucos meses.
41	Imagens de arquivo + animação de genérico de novela com título "A CRISE DA REGÊNCIA" – episódio 2	DEFENSOR: Então tudo se precipita. O Infante D. Pedro tenta tomar o poder e declara-se Defensor do Reino, ficando com a regência do reino e a tutela do menor D. Afonso, futuro D. Afonso V. D. Leonor acaba por fugir para Castela e as posições

		<p>extremam-se cada vez mais, apesar dos esforços diplomáticos do Infante D. Henrique. Enfim, conflito para aqui, conflito para ali, tudo iria acabar na célebre e trágica batalha de Alfarrobeira, a 20 de Maio de 1449.</p>
42	<p>Imagens de arquivo + animação de genérico de novela com título “A CRISE DA REGÊNCIA” – episódio 3</p>	<p>DEFENSOR: Em Alfarrobeira, o Infante combateu ao lado das forças de D. Afonso V.</p> <p>Perto de Alverca, junto a um ribeiro a que se chamava Alfarrobeira, dá-se a violenta batalha entre as forças legalistas de D. Afonso V e os... chamemos-lhes “rebeldes”... de D. Pedro. Rapidamente as forças de D. Afonso V controlam os... “rebeldes”... e uma seta atinge o coração de D. Pedro, que morre de imediato. Tudo estava perdido... E assim termina mais um triste episódio da História de Portugal.</p>
43		<p>DEFENSOR: Houve quem criticasse a decisão do Infante D. Henrique de combater ao lado de D. Afonso V, dizendo que abandonou o irmão, D. Pedro. Mas, mais uma vez, temos de ver as coisas de acordo com os olhos do século XV. Dificilmente o Infante optaria por outra solução.</p> <p>Racional, como sempre foi, sabia que se apoiasse D. Pedro seria arrastado na sua queda e, por outro lado, havia, mais uma vez, a razão de Estado que sempre norteou as suas decisões, mesmo as mais polémicas. Foi esta sua determinação e pragmatismo que o orientaram sempre ao longo da sua vida.</p> <p>Até ao último minuto, tentou negociar uma solução pacífica. Mas as partes envolvidas mostraram-se intransigentes. Havia muito ódio de ambos os lados e o Infante D. Henrique mais nada pode fazer senão lamentar a morte do irmão e não esquecer que ele o apoiara na gesta dos Descobrimentos.</p>
44A	<p>VIVO BICICLETA</p>	<p>DEFENSOR: Em 1441 o Infante está definitivamente de regresso no barlavento algarvio. É nesta fase que as viagens de exploração da Costa Africana começam a dar lucro. Bom, nada que se compare com o que depois vai acontecer, mais tarde, na Índia, mas pelo menos o Infante começa a ter algum retorno ao investimento que foi fazendo ao longo dos anos do seu próprio bolso, entre aspas. E, já agora, como é que o Infante financiava as viagens de exploração dos Descobrimentos?</p>

44B		<p>DEFENSOR: É extensa a lista da fonte de receitas e de património do Infante. Não tenho tempo para enumerar todos os locais e privilégios de onde lhe chegava o dinheiro... tinha o Ducado de Viseu, o monopólio da industria de sabão em Santarém, na ilha da Madeira, Tomar, Lisboa, Alentejo, ...o monopólio da pesca do atum no Algarve... e nessa altura, o atum não estava em vias de extinção como agora está... foram-lhe doadas a ilhas da Madeira, Porto Santo e Desertas com todos os direitos e rendas... o monopólio da navegação para além do Cabo Bojador, para além do direito de receber 1/5 de todos os produtos obtidos por navios particulares que navegassem naquelas águas sem a sua autorização, etc, etc, etc...</p> <p>Resumindo... o Infante era um dos maiores senhores feudais de Portugal no século XV. No seu vasto património, para além de vários domínios espalhados pelo território, constava igualmente, desde 1420, o cargo e as benesses que tinha como Administrador Geral da poderosa Ordem de Cristo, sucessora da famosa Ordem dos Templários. Portanto, como vemos, recursos não lhe faltavam... mas qualquer dinheiro que viesse a mais, era sempre bem vindo!</p>
44C	VIVO TOMAR	<p>DEFENSOR: Com estes recursos financeiros iniciámos a descoberta do mundo.</p>
45		<p>DEFENSOR: Na esteira do pioneirismo do Infante, vários armadores privados (como hoje se diria), começam a organizar viagens à costa de África entretanto descoberta. Era o começo de um movimento que se iria tornar imparável. Nos anos seguintes, dezenas de expedições particulares começam a navegar África abaixo... mas sempre com a devida autorização do Infante. Afinal, era justo... se não fosse o Infante todas estas viagens nunca teriam tido lugar!</p>
46A	VIVO BATALHA - MOSTEIRO	<p>DEFENSOR: Está fechado. Em 1460 a vida do Infante está a chegar ao fim. (...) No seu testamento entre outras coisas deixa estipulado que sejam celebradas milhares de missas pela sua alma. Só aqui no mosteiro da Batalha onde ele está sepultado deveriam ser rezadas 3 missas por dia, todos os dias para sempre. Bom, entretanto já alguém lá em cima mandou dizer: chega! Podemos parar. O lugar do Infante na eternidade está assegurado.</p>

46B		<p>DEFENSOR: A 13 de Novembro de 1460, na vila de Sagres, morria tranquilamente o Infante D. Henrique... conhecido para a História como O Navegador. Com ele terminava a primeira... pioneira e decisiva etapa dos Descobrimentos portugueses.</p> <p>Os portugueses estavam no Norte de África, nas ilhas atlânticas da Madeira, Açores e Cabo Verde e na costa ocidental africana até ao que hoje é a Libéria. Mas o mais importante foi o legado que o Infante D. Henrique deixou para o futuro do reino.</p>
47		<p>DEFENSOR: O Infante D. Henrique nunca foi um navegador. Muito poucas vezes andou de barco ou saiu de Portugal. Mas não sendo um navegador, no sentido de ter andado no mar, teve esta característica extraordinária de ter sido capaz de teimar numa ideia que parecia estranha a todos na época: avançar pelo Atlântico, avançar em águas que se tinham por não navegáveis. Isto torna-o numa figura extraordinária. A sua acção teve um impacto fantástico não só na história de Portugal mas também da História Universal.</p> <p>A concretização da vocação marítima de Portugal é fruto da acção pessoal e pioneira do Infante. E é isto que o torna a grande figura da História de Portugal... porque o Portugal de hoje é herdeiro directo dos Descobrimentos.</p> <p>O que é curioso nesta história é que um homem como o Infante, que para todos os efeitos era um príncipe medieval puro e duro, um homem ainda obcecado pela ideia de Cruzada foi capaz de arrastar a Europa e o mundo para uma aventura já dos tempos modernos que é esta comunicação entre todos os povos, a que assistimos hoje.</p> <p>O Infante é uma das raras, raríssimas pessoas, de quem podemos dizer que nada foi o mesmo antes e depois dele. O Infante D. Henrique desencadeou um processo que alterou para sempre a História de Portugal... e do mundo. Até aos nossos dias! E um homem que faz uma coisa destas só pode ser o maior português de todos os tempos!</p>
48	GENÉRICO FINAL	